

# Antônio Ermírio e a Bangladesh brasileira

PAULO RABELLO DE CASTRO

Prezado Dr. Ermírio: cumprimento-o por sua visão lúcida — como sempre — do momento nacional. Quando em visita recente a personagens do Congresso Nacional, o senhor teria resumido tudo o que nós, brasileiros, sentimos: "O Brasil está virando uma grande Bangladesh" — a comparação me despertou o espírito de investigação. Fui buscar na ótima publicação do Bird — o Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial (1991) — as informações estatísticas sobre Bangladesh.

De fato, aí consta o seguinte:

ITEM	BANGLADESH	BRASIL
População	110 milhões	147 milhões
PIB (1989)	US\$ 20,2 bilhões	US\$ 319 bilhões
Renda per capita (1989)	US\$ 180	US\$ 2.540
Expectativa de vida	51 anos	66 anos
Crescimento anual		
Período 1965-80	2,5%	9%
Período 1980-89	3,5%	3%
Inflação anual		
Período 1965-80	14,8%	31%
Período 1980-89	10,6%	228%

Dessa comparação, salta aos olhos que, embora Bangladesh seja um país muito mais pobre que o Brasil, na última década nós nos tornamos bem piores do que eles! A nossa taxa de crescimento anual caiu de 9% no período 1965-80 para 3% ao ano, na média da década passada. Isso sem contar com os péssimos resultados de 1990 — queda de 4% — e em 91 — crescimento zero — que o ministro projeta também para 92 e 93. Em comparação, Bangladesh melhorou sua taxa de 2,5% para 3,5%, ainda que insuficientes para tirar aquele país da miséria antes do ano 2100.

A queda do crescimento brasileiro tem uma relação inversa ao comportamento da inflação, que subiu de 31% ao ano (período 1965-80) para 228% ao ano na década de 80, índice exorbitante. Bangladesh, pelo contrário, registrou inflação de país desenvolvido.

seja tarde demais, pelo menos para nossa geração.

Não quero aborrecê-lo com mais estatísticas. Porém, não posso deixar de mencionar outros dois casos espantosos: China e Taiwan. A China tinha cerca de um bilhão de habitantes em 1980. Hoje, tem 1.150 bilhão. Cresceu, numa década apenas, uma população brasileira inteirinha. Nem por isso estagnou. Sua taxa média de crescimento, na última década, foi de 9% ao ano! Infelizmente, o desenvolvimento chinês é recente; sua renda per capita ainda é miserável: cerca de 350 dólares por pessoa. Mas Taiwan — a mesma China, que optou pela via capitalista — partindo do mesmo nível de indigência nos anos 50, tem hoje mais de 5.000 dólares per capita, mais que o dobro da renda brasileira.

Não pode ser tão complicado assim resgatarmos a nos-

O GLOBO

04 OUT 1991

sa dignidade perdida. O segredo — sabemos bem — é o trabalho aplicado e o senso de perspectiva e de futuro, quando a população percebe que o Governo é para servir, e não para servir-se dela. Por isso, recomendaria que o senhor insistisse na sua tese dos cinco gargalos nacionais: 1 — custo de mão-de-obra caro demais; 2 — estrutura de impostos velha e maluca; 3 — infraestrutura desgastada; 4 — sistema educacional burro; 5 — intermediação financeira entupida. Tudo isso tem conserto. Obviamente, a educação leva mais tempo. Mesmo esta, porém, pode melhorar muito, a curto prazo, se os recursos volumosos dedicados teoricamente à educação no Brasil chegarem, de fato, às salas de aula e aos salários dos professores, pois são eles os únicos e efetivos veículos de saber que conheço, e não o concreto armado das estruturas de prédios escolares. Mas onde está nosso tirocínio?

E por que, tampouco, não reformamos por completo a Previdência — responsável exclusiva pelo alto custo da mão-de-obra brasileira? Pura falta de idéia e insistência em modelos centralistas e demagógicos.

E a estrutura maluca de impostos? O senhor já percebeu que essa reforma tributária de emergência vai querer desembocar no oposto do que o Brasil precisa: eles vão querer aumentar a taxação, ao invés de diminuí-la. Conseguirão duas coisas: mais sonegadores e menos receita. Com menos receita, os buracos das estradas brasileiras aumentarão de tamanho, virando crateras da incompetência oficial.

Falta, em síntese, ordem mental para traçarmos um plano concatenado, articulado, estruturado, enfim, em que os verdadeiros interesses do público estejam no centro das prioridades nacionais. Uma programação séria, sem firulas, sem "papo" de economista, mas que desperte confiança e adesão do povo brasileiro. Mas, obviamente, não será o público que poderá pressionar (salvo pelo voto) os políticos de plantão. Somos nós mesmos que devemos agir, e particularmente, as lideranças empresariais, cuja atuação, à exceção de algumas mentes lúcidas como a sua, tem estado, francamente, aquém de seu potencial de influir e orientar a recuperação do País.